

Entre Trocos e Saberes: Uma experiência transdisciplinar na feira livre

Vinicius Gabriel Silva Barros

Jucurutu, Rio Grande do Norte, Brasil

gvinicius0405@gmail.com

Graduado em Licenciatura em Matemática

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

<https://orcid.org/0009-0005-5669-2792>

Quando a matemática ganha vida

A perspectiva da etnomatemática foi anunciada na universidade em livros, seminários e com o professor da disciplina. Embora, até aquele momento, eu não tivesse entendido o que era o Programa Etnomatemática. Apesar de os textos universitários serem importantes para entender o conceito, hoje percebo que algumas aprendizagens ultrapassam as paredes de uma sala de aula. Elas aparecem no cotidiano, nas práticas culturais, nas experiências humanas mais simples. Foi exatamente assim que a etnomatemática começou a se revelar para mim.

O anúncio veio em uma atividade de campo realizada em uma escola pública na cidade de Caicó, com as turmas de ensino médio, no interior do Rio Grande do Norte, durante uma visita a uma feira livre. Em meio ao movimento, avistamos uma barraca de pastéis que logo nos chamou atenção, não apenas pela movimentação de clientes, mas pela rapidez com que o feirante resolvia situações que, para muitos, exigiriam papel, lápis e calculadora, principalmente trabalhando com números decimais.

O óleo quente estalava sem parar. O barulho das pessoas gritando preço, oferecendo e respondendo valores. As pessoas faziam pedidos diferentes, mudavam quantidades, negociavam valores. E, no meio daquela mistura de pedidos, o feirante parecia já ter desenvolvido uma lógica própria.

Sem interromper o preparo dos pastéis, ele ajustava os valores, fazia descontos, somava mentalmente, calculava trocos e ainda conversava com os clientes. Tudo acontecia



ao mesmo tempo. Foi naquele momento que comecei a perceber algo que muitas vezes passa despercebido dentro da própria escola: a matemática existe antes do quadro branco.

Na universidade, aprendi a compreender a matemática como um conhecimento organizado em fórmulas, propriedades e procedimentos prontos. Havia sempre um caminho correto, uma estrutura adequada. Entretanto, diante daquele vendedor de pastéis, comecei a enxergar a matemática sob outra perspectiva. Naquela mesa onde ficavam os pastéis, existiam raciocínio lógico, cálculo mental, proporcionalidade e estratégia. Mas nada disso aparecia escrito.

Diante daquela feira, percebi uma matemática que não era distante da realidade; era justamente uma matemática produzida dentro dela. Enquanto o vendedor vendia seus pastéis, lembrei de várias situações vividas em sala de aula. Lembrei de estudantes que conseguiam resolver problemas mentalmente, mas eram corrigidos porque não utilizam o procedimento esperado pelo livro didático. Na feira, não havia tempo para organizar números em colunas ou repetir procedimentos mecanicamente aprendidos em sala de aula. Ainda assim, tudo acontecia com precisão.

Foi nesse deslocamento entre a sala de aula e a experiência cotidiana que a perspectiva transdisciplinar da Etnomatemática começou a fazer sentido para mim.

As ideias discutidas pelo professor e pesquisador Ubiratan D'Ambrosio deixavam de ser apenas teoria universitária e passavam a ganhar rosto, voz e prática dentro da feira livre. Percebi que a matemática não é reduzida apenas à sala de aula. Ela dialoga com a cultura, a economia, a sobrevivência, o trabalho, a linguagem e a identidade. Ela surge de formas variadas conforme a necessidade de cada grupo.

Nesse encontro de feirantes não era apenas um espaço de comércio. Era também um espaço de produção de saberes. Cada negociação carregava experiências acumuladas ao longo dos anos. Cada cálculo mental revelava estratégias desenvolvidas fora da escola.

Enquanto o feirante preparava os pastéis, organizava pedidos e resolvia mentalmente diversas operações ao mesmo tempo, eu me perguntava quantas matemáticas ainda permanecem invisíveis dentro de um ambiente escolar.

Quantas formas de pensar são silenciadas porque aprendemos a reconhecer apenas uma matemática como legítima?

Voltei da feira com a sensação de que havia aprendido algo que dificilmente caberia inteiro em uma prova ou em uma definição acadêmica. A experiência me fez compreender que a matemática ensinada na universidade é importante, mas não única. Existem outras matemáticas circulando diariamente pelas ruas, pelas feiras, pelos trabalhos informais, pelas práticas culturais e pelas experiências populares.

Talvez o maior anúncio da Etnomatemática tenha sido esse: perceber que o conhecimento matemático não pertence exclusivamente à escola. Ele também vive no vendedor de pastéis, na negociação, no cálculo silencioso feito na cabeça, nas estratégias construídas pela necessidade. Desde então, nunca mais consegui olhar para uma feira livre da mesma maneira.

Hoje, quando vejo um feirante calculando trocos rapidamente ou reorganizando preços sem utilizar qualquer instrumento formal, já não enxergo apenas comércio. Vejo saberes. Vejo experiências. Vejo cultura. Vejo matemática.

**Entre Trocos e Saberes:
Uma experiência transdisciplinar na feira livre**

**Between Change and Knowledge:
A transdisciplinary experience at the open-air market**

**Entre el cambio y el conocimiento:
una experiencia transdisciplinaria en el mercado al aire libre**

Resumo

A crônica apresenta uma reflexão sobre a perspectiva transdisciplinar do Programa Etnomatemática a partir de uma atividade de campo realizada em uma feira livre na cidade do Rio Grande do Norte. Ao observar um vendedor de pastéis realizando cálculos mentais durante negociações e vendas, evidencia-se a presença de saberes matemáticos construídos no cotidiano. A experiência possibilita compreender a matemática para além do espaço escolar, valorizando práticas culturais, conhecimentos populares e diferentes formas de produzir e utilizar a matemática nas relações sociais.

Palavras-chave: Etnomatemática. Transdisciplinaridade. Feira livre. Saberes cotidianos. Educação matemática.

Abstract

The chronicle presents a reflection on the transdisciplinary perspective of the Ethnomathematics Program based on a field activity carried out at an open-air market in the city of Rio Grande do Norte. By observing a pastel vendor performing mental calculations during negotiations and sales, the presence of mathematical knowledge built in everyday life becomes evident. The experience makes it possible to understand mathematics beyond the school environment, valuing cultural practices, popular knowledge, and different ways of producing and using mathematics in social relationships..

Keywords: Ethnomathematics. Transdisciplinarity. Open-air market. Everyday knowledge. Mathematics education.

Resumen

Este ensayo presenta una reflexión sobre la perspectiva transdisciplinaria del Programa de Etnomatemáticas, basada en una actividad de campo realizada en un mercado al aire libre de la ciudad de Rio Grande do Norte. La observación de un vendedor de pasteles realizando cálculos mentales durante las negociaciones y ventas pone de relieve la presencia del conocimiento matemático construido en la vida cotidiana. La experiencia permite comprender las matemáticas más allá del ámbito escolar, valorando las prácticas culturales, el saber popular y las diferentes maneras de producir y utilizar las matemáticas en las relaciones sociales.

Palabras clave: Etnomatemáticas. Transdisciplinariedad. Mercado al aire libre. Conocimiento cotidiano. Educación matemática.

